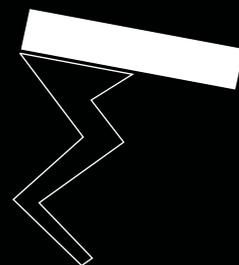


MEMORIAL

memorial do trabalhador

cadernos de tc

Arquitetura e Urbanismo • UniEVANGÉLICA



Cadernos de TC 2018-2

Expediente

Direção do Curso de Arquitetura e Urbanismo

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Corpo Editorial

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Simone Buiati, E. arq.

Coordenação de TCC

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Orientadores de TCC

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Maryana de Sousa Pinto, M. arq.

Pedro Henrique Máximo, M. arq.

Detalhamento de Maquete

Madalena Bezerra de Souza, E. arq.

Volney Rogerio de Lima, E. arq.

Seminário de Tecnologia

Daniel da Silva Andrade, Dr. arq.

Jorge Villavisencio Ordóñez, M. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Seminário de Teoria e Crítica

Ana Amélia de Paula Moura, M. arq.

Maira Teixeira Pereira, Dr. arq.

Pedro Henrique Máximo, M. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Expressão Gráfica

Madalena Bezerra de Souza, E. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Anderson Ferreira de Sousa M. arq.

Secretária do Curso

Edima Campos Ribeiro de Oliveira

(62)3310-6754

Apresentação

Este volume faz parte da quinta coleção da revista Cadernos de TC. Uma experiência recente que traz, neste semestre 2018/1, uma versão mais amadurecida dos experimentos nos Ateliês de Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo (I, II e III) e demais disciplinas, que acontecem nos últimos três semestres do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA).

Neste volume, como uma síntese que é, encontram-se experiências pedagógicas que ocorrem, no mínimo, em duas instâncias, sendo a primeira, aquela que faz parte da própria estrutura dos Ateliês, objetivando estabelecer uma metodologia clara de projeção, tanto nas mais variadas escalas do urbano, quanto do edifício; e a segunda, que visa estabelecer uma interdisciplinaridade clara com disciplinas que ocorrem ao longo dos três semestres.

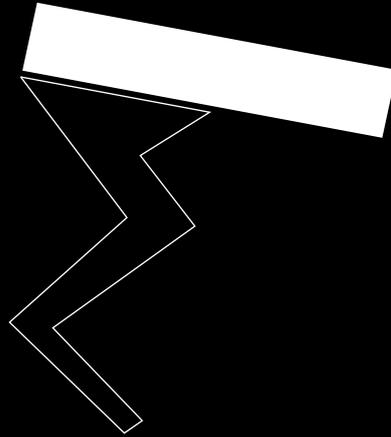
Os procedimentos metodológicos procuraram evidenciar, por meio do processo, sete elementos vinculados às respostas dadas às demandas da cidade contemporânea: LUGAR, FORMA, PROGRAMA, CIRCULAÇÃO, ESTRUTURA, MATÉRIA e ESPAÇO. No processo, rico em discussões teóricas e projetuais, trabalhou-se tais elementos como layers, o que possibilitou, para cada projeto, um aprimoramento e compreensão do ato de projetar. Para atingir tal objetivo, dois recursos contemporâneos de projeto foram exaustivamente trabalhados. O diagrama gráfico como síntese da proposta projetual e proposição dos elementos acima citados, e a maquete diagramática, cuja ênfase permitiu a averiguação das intenções de projeto, a fim de atribuir sentido, tanto ao processo, quanto ao produto final.

A preocupação com a cidade ou rede de cidades, em primeiro plano, reorientou as estratégias projetuais. Tal postura parte de uma compreensão de que a apreensão das escalas e sua problematização constante estabelece o projeto de arquitetura e urbanismo como uma manifestação concreta da crítica às realidades encontradas.

Já a segunda instância, diz respeito à interdisciplinaridade do Ateliê Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo com as disciplinas que contribuíram para que estes resultados fossem alcançados. Como este Ateliê faz parte do tronco estruturante do curso de projeto, a equipe do Ateliê orientou toda a articulação e relações com outras quatro disciplinas que deram suporte às discussões: Seminários de Teoria e Crítica, Seminários de Tecnologia, Expressão Gráfica e Detalhamento de Maquete.

Por fim e além do mais, como síntese, este volume representa um trabalho conjunto de todos os professores do curso de Arquitetura e Urbanismo, que contribuíram ao longo da formação destes alunos, aqui apresentados em seus projetos de TC. Esta revista, que também é uma maneira de representação e apresentação contemporânea de projetos, intitulada Cadernos de TC, visa, por meio da exposição de partes importantes do processo, pô-lo em discussão para aprimoramento e enriquecimento do método proposto e dos alunos que serão por vocês avaliados.

Alexandre Ribeiro Gonçalves
Maryana de Souza Pinto
Pedro Henrique Máximo



MEMORIAL DO TRABALHADOR

em Anápolis/GO

O trabalhador na sua história é visto como o responsável pela existência humana, segundo Karl Marx. Desde quando os bandeirantes chegaram as terras Anapolinas em busca de novas riquezas, o trabalho foi predominante na formação do território, e hoje Anápolis é conhecida pelo sua forte influência industrial e comercial. O MEMORIAL DO TRABALHADOR traz então a memória da população Anapolina o importante papel dos trabalhadores na cidade, localizado no centro onde está concentrado o seu maior dinamismo



SUZANE MOREIRA OLIVEIRA

Orientador: Pedro Henrique Máximo Pereira
Contato: suzane.arc@gmail.com



O trabalho oscila entre a ação do homem carregada de emoção, suor e fadiga. Porém do outro lado, designa a operação humana de transformação da matéria natural em objeto de cultura. É o homem em ação para sobreviver e realizar-se.

ALBORNOZ, Suzana.







Poucos locais representam tão bem a história do trabalho e desenvolvimento industrial no país como o município de Anápolis. Devido essa importância, foi desenvolvido o projeto do Memorial do Trabalhador na cidade, implantado no terreno onde já foi localizado armazéns que fizeram parte da construção da estação ferroviária de Anápolis.

Situado entre as ruas Quatorze de Julho, Quintino Bocaiúva e Avenida Federal no centro do município, o memorial pretende ser um centro que apresentará a memória e história dos trabalhadores em toda sua vivência na cenário nacional, sem esquecer da importância relação do trabalho local, principalmente no que se refere ao polo industrial situado nesta região.

Além de oferecer uma experiência moderna ao visitante, também oferecerá um amplo espaço aberto, que poderá ser usado como local de convivência comum, visto que é um ambiente que concentra ampla circulação de pessoas. Sempre apresentando um paralelo entre a história dos trabalhadores no Brasil e a cidade de Anápolis, o projeto visa traçar essa relação e demonstrar a importância de homenagear tão importantes personagens nacionais e regionais.

Cumprir ressaltar também o objetivo de proporcionar aos usuários um novo tipo de relacionamento com o centro da cidade, ocasionado também pela reutilização de um espaço que estava praticamente subutilizado, e que sequer era notado pelos transeuntes do local.

[f.1] IMAGEM: Mãos fabricando tecido
Fonte: Site Pexels.

[f.2] Projeto do Memorial do Trabalhador, em Anápolis.
Fonte: Suzane Oliveira, 2018.

01

**O
TRA
BA
LHADOR**

14
Julho

3324-4857



[f.3] IMAGEM: Catador de lixo reciclável no centro de Anápolis. Fonte: Suzane Oliveira, 2017.

Todos os dias, acorda bem cedo o trabalhador anapolino da indústria. O cheiro de café já está pela casa, ele se despede da família. Pega o ônibus sentido distrito industrial, pontualmente as seis da manhã. Ônibus passa de ponto em ponto até chegar no seu destino. Chega quase no meio da manhã, bate ponto e só assim começa o trabalho. Só termina quando o sol se despede. Volta pra casa observando tudo se encerrando. Assim se repete diariamente. Troca apenas a indústria pelo comércio e empresa, assim é a vida da maioria dos trabalhadores anapolinos, o tempo empregado á um trajeto casa-trabalho-casa.

A imagem do trabalhador sempre esteve presente na história da humanidade. Homem como papel de viver, trabalhar fazendo cultura e história como manutenção da vida. O trabalho por muitos pensadores como Karl Marx é o meio da qual o ser humano tem para produzir sua própria existência, pode-se notar nos decorrentes fatos da história, quando há mudanças nas relações de trabalho, as estruturas sociais também sofrem alterações, devido a relação que ambas possuem. Além da luta diária, ao longo da história o trabalhador esteve sempre levantando suas forças para lutar pelo seus direitos na política e na sociedade.



O PERCURSO

No final do século XIX, a classe operária começou a se formar no país em meio a expansão da economia cafeeira. Se passava nesse período a transição do trabalho escravo realizado por negros, para o trabalho livre era entrar na luta para acesso às terras.

O trabalho realmente sofreu radicais mudanças no século XX, especificamente a partir da década de 30, com a chegada da industrialização no Brasil. Os trabalhadores saem do campo e começam a trabalhar nas indústrias. De acordo com Alcantara; Lucena (2013) esse processo exigiu um enorme esforço de adaptação dos trabalhadores.

No período da crise de 1929, o país era governado por Getúlio Vargas, que procurou se aliar a classe operária. Diante muitas greves fortaleceu e organizou os ministérios sindicais se atrelando, ao Ministério do Trabalho. Tais políticas ficaram conhecidas como “trabalhismo”.

Esse nacionalismo desenvolvimentista é considerado com que essa participação estatal melhora as condições das classes assalariadas, em especial do proletariado. Entra em vigor, em 1943, a Consolidação das Leis de Trabalho. Essas medidas destinavam-se em manter a relação de produção em conformidade com as exigências do desenvolvimento econômico, regulamentando as relações individuais e coletivas de trabalho. Essas conquistas significou um avanço social, através de reivindicações e lutas da classe operária.

Na década de 50, no Brasil foram sendo desenvolvidos projetos de desenvolvimento nacional, e para definição do espaço de atuação, fizeram alianças entre o capital

estatal e o privado de nacionais e multinacionais.

Depois da Era Vargas, seu “trabalhismo” formariam novos líderes com a criação de vários outros partidos trabalhistas. Dentre eles o PTB, que seria o partido do próximo vice- presidente João Goulart. Os planos de governo de Vargas continuaram pelos seguintes governos até 1964, quando inicia-se no Brasil a Ditadura Militar no Brasil um período na qual houve poucas greves devido a repressão que existia. Nas questões sociais houve alguns acontecimentos como por exemplo, o fechamento de partidos políticos, diminuição do poder sindical, demissão de servidores públicos. Para os pequenos assalariados, implantaram o Programa de Integração Social (PIS salarial) a fim de beneficiar, de forma questionável, a classe trabalhadora.

Porém em 1978, retoma-se os movimentos e as greves, uma nova base da vida sindical o Sindicato Metalúrgico em São Bernardo. Ela inicia as paralisações para reposição salarial, mesmo com a repressão do regime. Esse sindicalismo ficou conhecido por ser um sindicalismo autêntico por se juntar a classe trabalhadora, inicializando um tipo de ação sindical combativo e apoiado pela militância e pela mobilização das massas trabalhistas. Este foi liderado por Luís Inácio Lula da Silva, e posteriormente foi criado o partido dos trabalhadores (PT) , e as centrais sindicais que assessoravam a classe.

[f.4] IMAGEM: Trabalhadores na rua em manifesto no Dia Internacional do Trabalhador.
Fonte: Site ExercendoPsicologia

O movimento se mobilizou pelos 21% do aumento salarial, repondo a inflação ocorrida pela ditadura, segundo o texto de Giannotti (2007). Foram muitas tentativas através dos sindicatos de acabar com a Ditadura, reivindicando eleições diretas para presidente da República.

Acaba a Ditadura e dá início a Nova República, no governo de Tancredo Neves e posteriormente de José Sarney, o Brasil começa uma reestruturação das políticas sociais através de uma nova Assembleia Nacional Constituinte. Portanto a nova Constituição de 1988 resultou na garantia os direitos civis, sociais e políticos. Entre estas garantias, a Constituição introduziu o conceito de Seguridade Social, que entre seus princípios havia o caráter democrático e descentralizado da gestão administrativa, com a participação da comunidade em especial de trabalhadores, empresários e aposentados.

A partir do mandato de Fernando Henrique Collor, no começo dos anos 90, houve uma obstrução novamente dos direitos sociais inscritos na Constituição, com a aprovação do Plano de Organização e Custeio da Seguridade Social. Diz a respeito do tempo mínimo de contribuição para ser elegível à aposentadoria, os trabalhadores rurais e urbanos não necessariamente precisam se submeter às mesmas regras referentes ao tempo de contribuição para a Previdência. A desregulamentação da flexibilidade das relações de trabalho ficou mais evidente no Plano Real, pela mudança das relações de trabalho no Brasil, devido a desregulação comercial e financeira, pelas inovações tecnológicas, a instabilidade econômica, o aumento do desemprego e a precariedade do trabalho.

No governo de Lula (2003-2011), foram então reconhecidas os problemas enfrentados pelas políticas sociais anteriores e levantou bandeiras progressistas, tais como no campo trabalhista. O crescimento da taxa de cobertura da Previdência Social; a promoção do desenvolvimento nacional mediante a integração das políticas públicas com o mercado de trabalho.

No segundo mandato de Lula, em 2009, foram tomadas medidas para enfrentar a crise econômica vivida naquele momento, em âmbito internacional. As propostas de mudanças pelo presidente era adequar a legislação trabalhista e a relação de trabalho as condições da época que o país estava vivendo. Ele dizia que a CLT estava enfadada e precisava ser alterada.

Em 2017, no governo de Michel Temer, do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), foi sancionado o texto de mudanças nas leis trabalhista. Nessas mudanças compreendiam os seguintes aspectos: As formas de contratação, a flexibilização da jornada de trabalho, alteração das normas de saúde, segurança do trabalho, mudanças na negociação coletiva e fragilização sindical e limitação do poder da Justiça de Trabalho. A reforma modifica os elementos centrais das relações de trabalho. Como pode-se notar neste percurso, o trabalho sofreu muitas mudanças em cada momento do Brasil e do mundo, e até hoje sofre e sofrerá mudanças, pois a economia, a política social sofre transformações a partir do momento que estes sofrem "modernizações". Mas o que não se pode mudar é o discernimento sobre a vida de trabalho, sem precarização e insegurança, pois o trabalho é tempo, os trabalhadores vendem sua força e seu tempo..



LIBERDADE E

1º DE MAIO.

f.4

O percurso do **TRABALHADOR** NO BRASIL

1890 Chegada dos imigrantes no Brasil



1917 Greve Geral



1930 Início o desenvolvimento industrial no país



1978 A Greve dos Metalúrgicos



1988 Constituição de 1988, garantia dos direitos civis, sociais e políticos



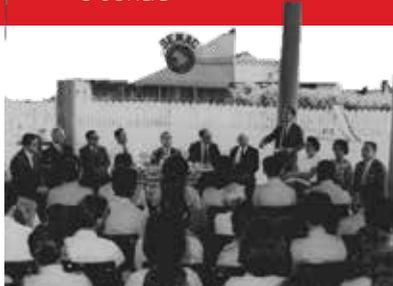
1994 Desregulamentação dos direitos trabalhista no Plano Real de Collor



1940 Decreto do salário mínimo e CLT, por Getúlio Vargas



1942 Criação dos cursos profissionalizantes, Senai e Senac



1964 Início do período de repressão as greves pela Ditadura Militar



2003 Ênfase dos programas sociais no governo de Luís Inácio



1942 Aprovação da Reforma Trabalhista durante e presidência de Michel Temer



02

**O
LU
GAR**



onasa.com.br

Memorial do Trabalhador

f.5

Anápolis

[f.5] IMAGEM: Entrada do terreno onde foi implantado o projeto, em Anápolis, Goiás. Fonte: Suzane Oliveira, 2017.

[f.6] IMAGEM: Estação Ferroviária e Terminal Urbano. Fonte: Suzane Oliveira, 2017.

O município e Anápolis, assim como outros, tiveram a figura do trabalhador vinculada aos seus primeiros passos. Em 1850, segundo dados da Prefeitura e Anápolis (2010), a região começou a ser povoada por tropeiros que percorriam rumo as lavras de ouro em terras próximas a região, além de comércio em grande proporção de trabalhadores que transportavam fumo, charque e produtos de necessidade para consumo local.

Com a chegada da estrada de ferro e com o aumento das atividades comerciais, o município recebeu vários imigrantes, trabalhadores para a agregar a população anapolina. Foi então criada uma identidade comercial e futuramente industrial, que devido ao progresso que a região teve, podendo empregar muitas pessoas do entorno de Goiás. Essa identidade perdura até hoje a cidade, portanto o desenvolvimento da cidade carrega consigo parte dessa trajetória do trabalhador.

Na década de 30, cem anos depois da Revolução Industrial na Europa, a industrialização chega ao país, refletindo também na cidade de Anápolis, com a instalação das fábricas de tecido, cerâmica, olarias e frigoríficos, inicialmente. Por isso, houve então um êxodo da população rural para a cidade em busca de novas condições de trabalho. E com o intuito de aproximar esses novos operários do seu local de trabalho, os donos das fábricas começaram a financiar a construção de casas perto a elas, chamando-as de Vilas Fabris.

Em 1935, chega na cidade a linha ferroviária, com a instalação de sua Estação situada no atual Terminal Urbano. Durante esse período a cidade experimentou um alto crescimento populacional e desenvolvimento econômico, trazendo pelos trilhos muitos imigrantes, principalmente japoneses, italianos e sírio-libaneses. Portanto, com esse aumento da população, houve um

crescimento urbano, com a construção de edifícios comerciais e residenciais no centro da cidade, dando início ao traçado urbano ao longo desse eixo. Em reflexo a isso, foi criado o primeiro Sindicato de Anápolis goi o da construção civil em 1938.

Outras instituições ligadas aos trabalhadores foram criadas, a União Proletariada, Associação Beneficente dos Chauffers e Mecanicos, Associação dos Motoristas e Associação dos Trabalhadores de Anápolis. E em 1936, a Associação dos Comércios, que se fundiu com a indústria trinta e cinco anos depois, chamada pela sigla ACIA. A associação tinha o objetivo de ser um órgão capaz de unir e preletar o comerciantes e os seus direitos.

Nesse período, a cidade recebeu 44 indústrias, devido a iniciativa do governo de Getúlio Vargas, de formular um plano de ocupar o centro-oeste, chamando Marcha para Oeste. Essas indústrias começam a se instalar na região noroeste e sudeste da cidade. Na Vila Jaiara, os complexos de tecelagem (Companhia de Tecelagem) e no Jundiá o ramo cerealista. Assim, os trabalhadores levam também consigo o crescimento urbano.

Na década de 50, com a construção de Brasília, próxima a Anápolis, ela se torna a cidade de apoio a construção da nova capital expandindo sua economia e exportando trabalhadores. Nas próximas décadas a cidade estava se tornanado o município mais próspero, recebendo o Projeto para a instalação do Distrito Agroindustrial de Anápolis (DAIA), gerando 7.500 empregos diretos e 13.500 indiretos segundo Cunha, Santos (2017).

Até os dias de hoje Anápolis é um pólo de geração de empregos, e ao longo de sua história pode-se notar que os trabalhadores construíram essa identidade a cidade, através de suas migrações a região e a ocupação dela.



ANAPOLIS

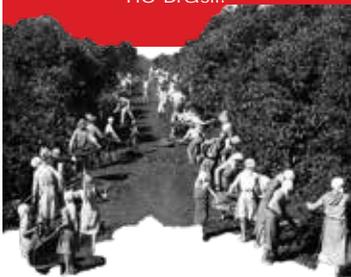
AN
BOLSAS
MALAS
ACESSÓRIOS
3328-5
Art-Nobre



f.6

A HISTÓRIA DO PROGRESSO E FERROVIA EM ANÁPOLIS

1889 Produção cafeeira no Brasil.



1920 Primeira rodovia que passava pelo município, para Silvânia e Orizona



1930 As vilas Fabris em Anápolis



1946 Instalação de novos complexos industriais na Vila Jaiara e Jundiá.



1946 Greve dos motoristas na cidade



1956 Construção de Brasília



1935 Chegada da ferrovia



1936 Criação da Associação do Comércio e Indústria de Anápolis (ACIA)



1938 Criação do Primeiro Sindicato, da Construção Civil em Anápolis



1960 Anápolis se transforma em um centro econômico, social e cultural.



1976 Fundação do Distrito Industrial de Anápolis.



Centro Urbano

A história da urbanização de Anápolis iniciou-se no atual centro urbano com as primeiras residências, comércios, edifícios públicos, estação ferroviária que logo depois deu-se lugar para o Terminal Urbano. Considerando essa região como eixo de expansão da cidade. Segundo o texto de Villaça (2011), o centro a partir do termo “centro principal” é considerado ser o irradiador da organização espacial urbana, com caráter simbólico, onde se concentram os serviços, lojas, escritórios, empregos e lazer.

Mesmo com o crescimento das cidades e o surgimento de outros centros, apenas um é aquele que influencia toda a cidade tendo uma hierarquia entre essas áreas centrais. Anápolis, foi uma das cidades brasileiras que cresceu sem um planejamento urbano, portanto há grandes problemáticas, tanto de traçado, mobilidade, zoneamento entre outras. Mas seu espaço é um espaço de forte dinamicidade, onde milhares de pessoas passam, trabalham e vivem o local. O enfrentamento atual do centro é a grande concentração de comércio e serviços e a ausência de moradias, devido a expansão que houve nas cidades para outras zonas.

O município de Anápolis teve início da sua história no ano de 1832 através do arraial da Meia Ponte, que surgiu a partir da chegada dos bandeirantes no interior do Brasil em busca da extração de metais preciosos. Esses viajantes se instalaram fixamente nesta região até se tornar o território da Meia Ponte, que pertencia o que hoje são as terras de Jaraguá, Corumbá, Anápolis e outras mais ao norte (Ferreira, 2011, pág. 17,18). Depois que a extração de minérios sucumbiu, a nova fonte econômica que os habitantes encontraram foi a agricultura, pecuária e o comércio que perduram até hoje na economia da região.

Segundo Ferreira (2011, pág. 18) a nascente do rego fica no local onde hoje está a Prefeitura Municipal de Anápolis passava pela, hoje, Praça das Mães e seguia pelo trecho entre as atuais Rua Desembargador Jayme e Primeiro de maio, atingindo então a Praça Santana e despejado no Córrego das Antas.

O núcleo urbano teve sua ocupação inicial no entorno da Igreja Sant’Ana, que tem o mesmo local e mesmo nome até hoje, e o crescimento posteriormente seguiu em direção ao norte.

Por volta de 1900, ainda como vila, contava com 9 ruas e 2 praças umas delas, Praça de Santana, Largo de Boa vista, Cel. Batista, Primeiro de Maio, Desembargador Jayme, Dez de Março, 15 de novembro ou comercial. O comércio se estabeleceu para atender a demanda das famílias ainda com origem rural, então o tipo de comercialização era de chapéus, ferragens, moagem de café.

Em 1935, com a chegada da ferrovia a cidade será tomada pela modernidade no aspecto físico, econômico e social. Aumento da população, mais construções, modificação da paisagem, melhoramento das ruas. Com a chegada da indústria e fábricas, houve uma necessidade de construir armazéns.

Após os anos 70, com a implantação do DAIA o espaço foi se modificando, provocando a decadência das indústrias localizadas às margens das vilas operárias, devido as transformações urbanas rápidas. Esses novos usos correm o risco de apagar a história nacional das indústrias nesse local. Hoje, pode-se notar no entorno que esses edifícios foram demolidos, transformados em estacionamentos, ou comércios que modificaram suas fachadas.

Inserção Urbana

Intervir no centro urbano, segundo Vargas e Howard (2009, pag. 3) sustenta na ideia de indentificar o processo de deterioração urbana do mesmo, que pode ser entendido por analogia aos termos provenientes das ciências biológicas. Ela compara á uma cirurgia que é basicamente uma intervenção no corpo humano para a recuperação da saúde ou manutenção da vida; para reparação de danos mais recentemente para atender ás exigências dos padrões de estéticos.

O centro de Anápolis possui um grande eixo econômico pra cidade, desde seu início, analisando do macro é um grande pólo

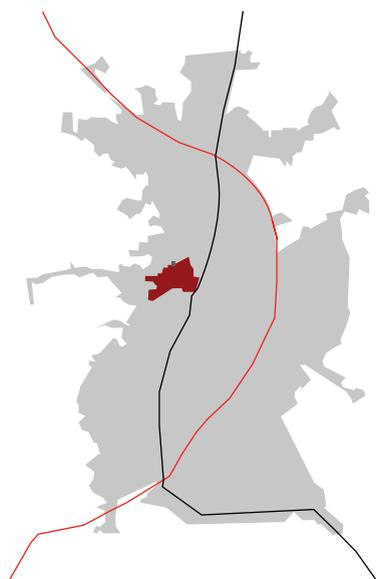
econômico para a região de Goiás. A preocupação com o centro atualmente, está na vivência dele nos períodos noturnos, afinal a falta de atividades no local é um fator problemático para a segurança da região, isso afeta a forma com que a cidade vai se expandindo. Solá-Morales vai dizer que devemos olhar para certos lugares e convertê-los em fascinantes pontos de atenção, para indicar o que as cidades são e a experiência que temos dela, através da fotografia. De certa forma, através da vivência com o lugar pode-se fazer essa análise e absorver tudo aquilo que o lugar quer dizer.

[f.7] MAPA: Inserção Urbana do Centro de Anápolis.

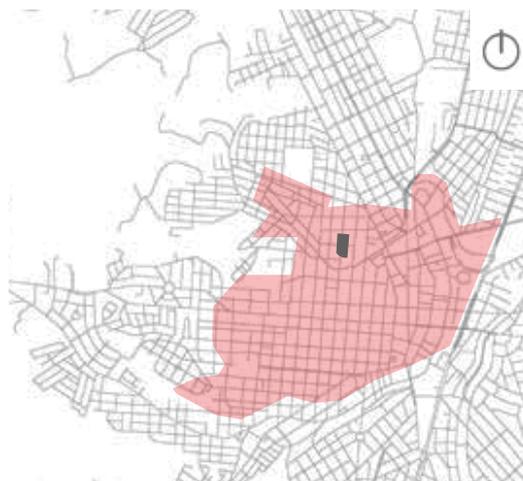
Fonte: Intervenção autoral.

[f.8] MAPA: Inserção do local de estudo na malha urbana.

Fonte: Intervenção autoral.



f. 7



f. 8

BR 153 —
Av. Brasil Norte e Sul —
Setor Central ■
Local de estudo ■

0 3000 5000

Limite do Setor Central ■
Local de Estudo ■

0 300 500

Terreno

[f.9] MAPA: Expansão urbana de 1878 a 1976.
Fonte: Araújo, Lima, 2018.

[f.10] MAPA: Demarcação do Setor Central, com indicações dos pontos de referência do entorno.
Fonte: Google Earth, modificado pela autora.

[f.11] MAPA: Terreno onde o projeto será implantado.
Fonte: Suzane Oliveira, 2018.

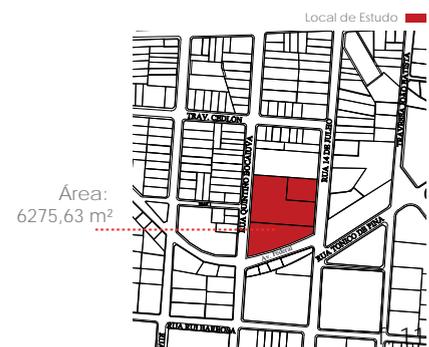
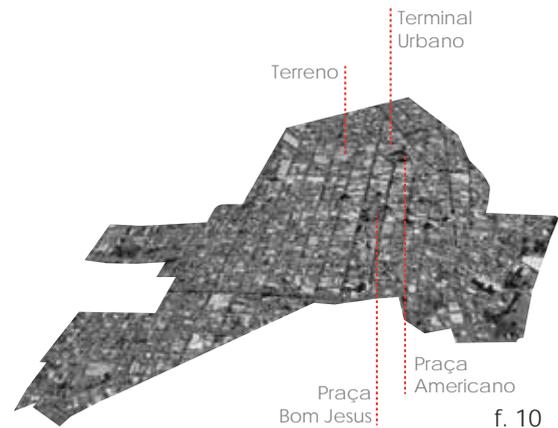
¹ Urban, empresa de transporte público de Anápolis.

O local escolhido para estudo se localiza no centro urbano do município de Anápolis, ponto de partida do traçado existente. A cidade teve seu traçado formado a partir de um eixo, a linha férrea. Segundo a análise de Araújo, Lima (2018), foram levantados 278 edifícios ou conjuntos de galpões fabris nessa região que fizeram parte da expansão da cidade (f.8). No mapa estão grandes subáreas que indicam a expansão de 1946 a 1967, 1968 a 1976 tendo em cada área sua relevância cultural e industrial.

A partir do estudo de uso do solo no entorno, nota-se a predominante densidade comercial e serviços. Há muitos edifícios comerciais antigos que receberam outros usos, como por exemplo, galpões que eram usados como fábricas e hoje se

transformaram em locais de armazenamento. Também encontra edifícios residenciais que foram destruídos e se tornaram estacionamentos ou comércios.

Através desse cenário existente em Anápolis, que obteve o partido da escolha do terreno para implantação do Memorial. Na década de 30, o local dava lugar a armazéns que foram construídos com a chegada da ferrovia, hoje restam apenas partes do antigo, deu-se lugar a um pequeno galpão, e grande área aberta para estacionamento da Urban¹. Região de muita dinamicidade, alto fluxo de veículos pequeno, médio e grande porte, pessoas de passagem. Por essas razões, a implantação do edifício Memorial e a praça.





f. 12



f. 13

[f.12] IMAGEM: Av. Goiás, da década de 70. Fonte: Site Skyscrapercity

[f.13] IMAGEM: Armazém Ramos, na rua 14 de Julho. Fonte: Acervo do Museu Alderico Borges.

[f.14] IMAGEM: Armazém na Praça da Estação. Fonte: Acervo Museu Alderico Borges.



f. 14



f. 15

[f.15] IMAGEM: Vista de cima da cidade de Anápolis em na década de 60. Fonte: Site Skyscrapercity.

[f.16] IMAGEM: Galpão na Rua Quintino Bocaiúva, Setor Central. Fonte: Suzane Oliveira, 2017.



f. 16



f. 17

[f.17] IMAGEM: Armazéns na Rua Federal, Setor Central. Fonte: Suzane Oliveira, 2017.

[f.18] IMAGEM: Terreno atualmente como estacionamento. Fonte: Suzane Oliveira, 2018.



f. 18



f. 19

[f.19] IMAGEM: Terreno atualmente como estacionamento. Fonte: Suzane Oliveira, 2018.

[f.20] MAPA: Uso e ocupação do solo, no entorno do local de estudo.
Fonte: Suzane Oliveira, 2017.

[f.21] IMAGEM: Antiga ferrovia e Praça americano do Brasil.
Fonte: Suzane Oliveira, 2017.

[f.22] IMAGEM: Galpões na Rua Quintino Bocaiúva.
Fonte: Suzane Oliveira, 2017.

Uso e ocupação do solo



Hierarquia viária

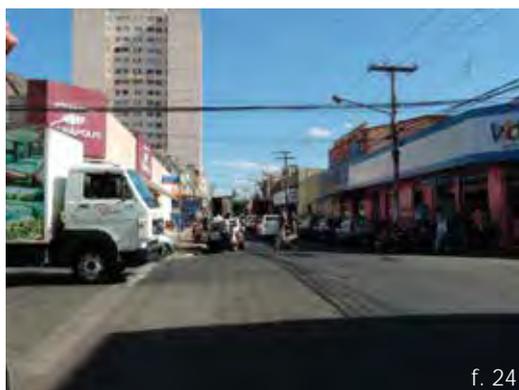


[f.23] MAPA: Vias Urbanas no entorno do local de estudo.
Fonte: Suzane Oliveira, 2017.

[f.24] IMAGEM: Rua 14 de Julho, Centro.
Fonte: Suzane Oliveira, 2017.

[f.25] IMAGEM: Rua Quintino Bocaiúva.
Fonte: Suzane Oliveira, 2018.

f. 23



f. 24



f. 25

03

**O
ME
MO
RIAL**



f. 26



Projeto

A expansão de Anápolis partiu do centro aos seus extremos, formando hoje áreas de periferia predominantemente residenciais, sendo o centro ainda o pólo de comércio e serviços que atendem a cidade. Além da história que o centro carrega em seu traçado, ele conta com a presença diária de trabalhadores, a maioria sai de suas casas nas periferias para passar grande parte do tempo em seu local de trabalho. Pode-se olhar para essa região com um cenário de movimento intenso e cansativo, e ainda de história através da sua paisagem, o que muitos trabalhadores passaram deixando sua marca no local. O Memorial do Trabalhador fará parte desse local para resgatar e cristalizar a memória dos trabalhadores. No projeto será implantado o edifício como o *monumento* onde estará as memórias, e a praça como o espaço público de lazer e refúgio a tanta dinamicidade que o entorno proporciona. Um edifício que contrasta com os galpões pesados em sua materialidade, com a grande densidade de edifícios e as poucas áreas verdes que se encontra na região.

[f.26] [f.27] IMAGEM:
Perspectiva do
Memorial do Trabalha-
dor.
Fonte: Suzane Oliveira,
2018.

Na sociedade capitalista, o trabalho é a causa de toda a degenerescência intelectual, de toda a deformação orgânica.
LAFARGUE, Paul. 1999



f. 27

Programa

O programa foi pensado a partir das reflexões e a história do trabalhador no mundo capitalista e na grande influência que os comerciantes e trabalhadores tiveram para o crescimento de Anápolis.

O projeto vai abranger um memorial como área de exposição da memória dos trabalhadores anapolinos, o acervo contará com materiais que hoje estão arquivados no Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho e na Associação de comércio e Indústria de Anápolis (ACIA).

A ACIA, como pioneiros na cidade, em prol de assessorar a classe, através de encaminhamentos burocráticos ganha espaço no

memorial, com sua sede. Para atender o programa da Associação, serão salas corporativas, uma sala de reunião para receber os membros associados, áreas de convivência aos funcionários e um auditório para a ACIA e também para eventos pequenos externos voltados a instituições públicas.

A praça é o espaço público planejado para compor o Memorial, como espaço de lazer, convivência pensando no tempo que os visitantes passariam pelo edifício. Com um mobiliário acessível, a marquise que se estende por todo o terreno e através do seu desenho ele leva o pedestre até o edifício.

Área total construída: 1440,00 m²

Área da praça: 4835,56 m²

MEMORIAL

ÁREA DE EXPOSIÇÃO

RECEPÇÃO

ACERVO

ÁREA TÉCNICA

BANHEIRO

AUDITÓRIO

FOYER

SALA TÉCNICA

ACIA

SALA REUNIÃO

SALA PRESIDENTE

CAFÉ

SECRETARIAS

CADASTRAMENTO

TESOURARIA

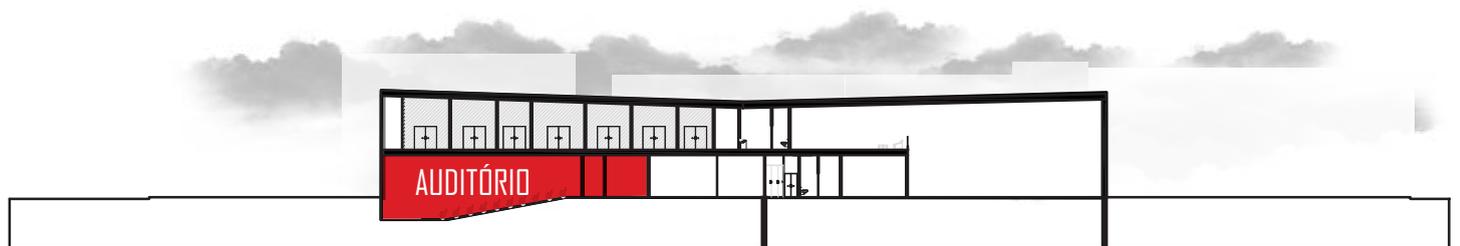
BANHEIROS

SALA DE ARQUIVOS

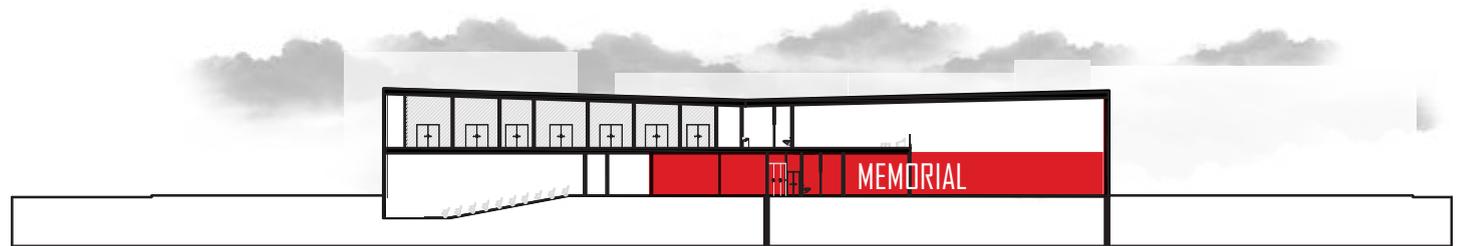
O programa será dividido nos dois pavimentos do edifício. No primeiro pavimento será implantado o auditório, descendo 2m no subsolo, aproveitando a inclinação para a disposição das poltronas. Outra parte do primeiro pavimento o

memorial, dispõe de um espaço amplo com a recepção e a área de exposição. No segundo pavimento, as salas, banheiro e a área de vivência contemplam a Associação, acessada pelo elevador e a escada.

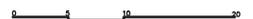
[f.27] [F.28] [F.29] Cortes esquemáticos com representação do programa.
Fonte: Suzane Oliveira, 2018



f. 28



f. 29



f. 30

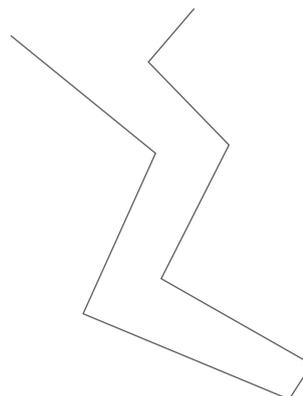
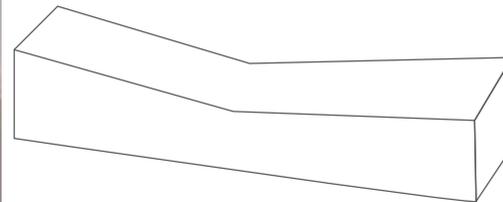
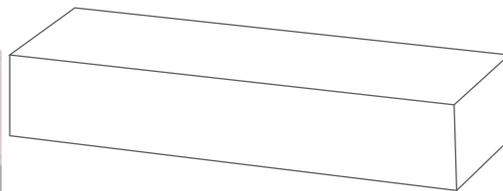


Partido

O projeto do Memorial se iniciou com a proposta de buscar referências modernistas na arquitetura, tanto na materialidade quanto no volume. O choque de períodos foi o partido principal, as obras modernistas surgem no início do processo de industrialização no Brasil.

A forma geométrica sem ornamentos, o uso de pilares aparentes e os panos de vidro integra o edifício a paisagem, remetendo as características modernistas.

[f.31] IMAGEM: Projeto Memorial e Praça do Trabalhador em Anápolis.
Fonte: Suzane Oliveira, 2018.



f. 31



Praça

Materialidade

O desenho da praça foi pensado em caminhos que ligassem as pessoas ao edifício. Além da marquise que complementa a ideia. Foram usadas na pavimentação três tipos de texturas diferentes:

- Blocos de concreto permeável intertravados



- Concreto aparente



- Grama Esmeralda



Vegetação

As árvores e os arbustos que compõe o paisagismo, está representado por suas diferentes texturas. As árvores com troncos mais altos e a copa melhorar o conforto térmico da região, que vive uma escassez de área verde.

- Tarumã



- Ipê cor-de-rosa



- Aroeira

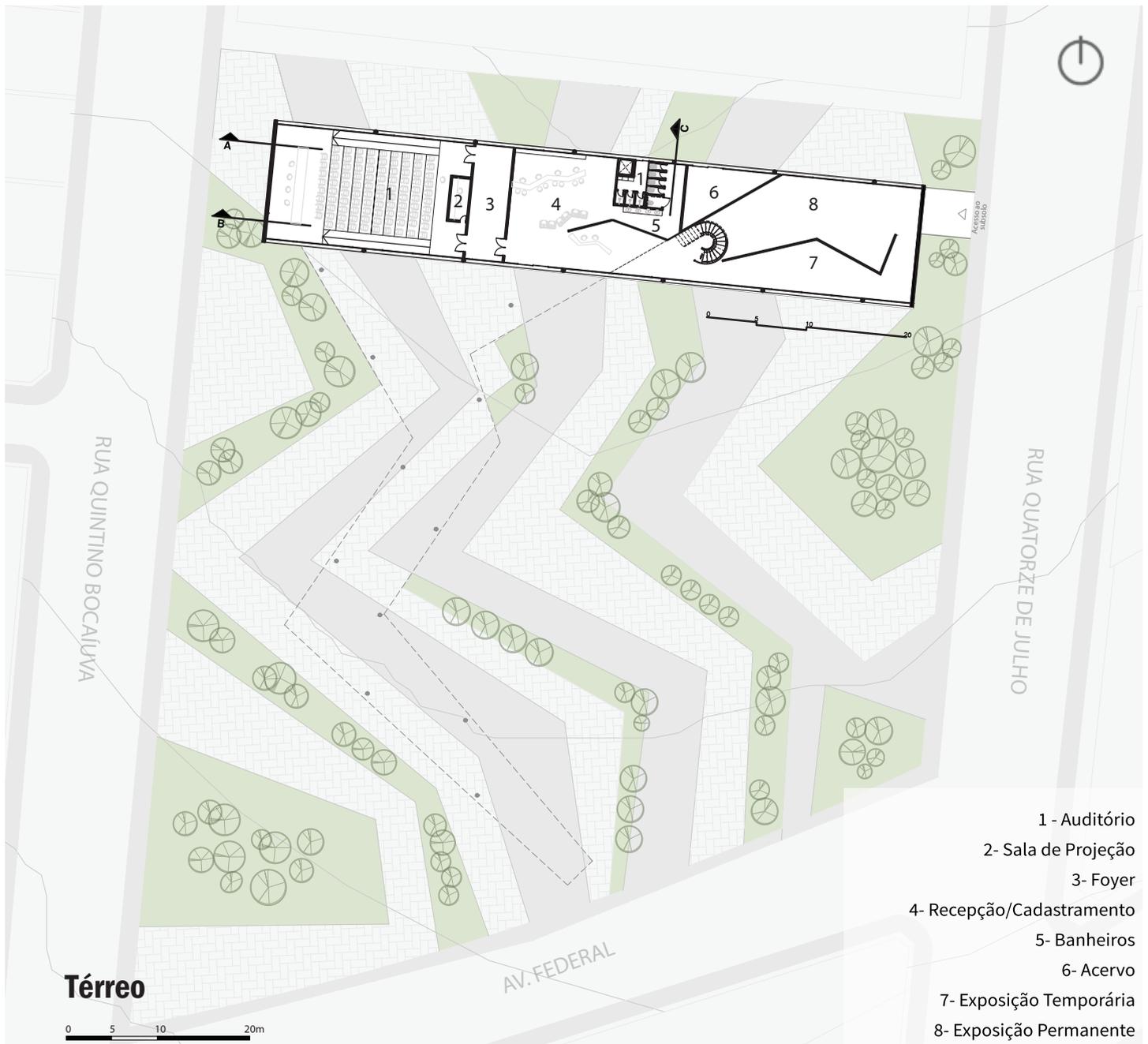




[f.32] IMAGEM: Projeto Memorial do Trabalhador, 2018.



f. 32



- 1 - Auditório
- 2- Sala de Projeção
- 3- Foyer
- 4- Recepção/Cadastramento
- 5- Banheiros
- 6- Acervo
- 7- Exposição Temporária
- 8- Exposição Permanente



f. 33



f. 34





[f.35] [f.36] Perspectiva da área de exposição e alternativas.
Fonte: Suzane Oliveira, 2018.

f.35



f.36

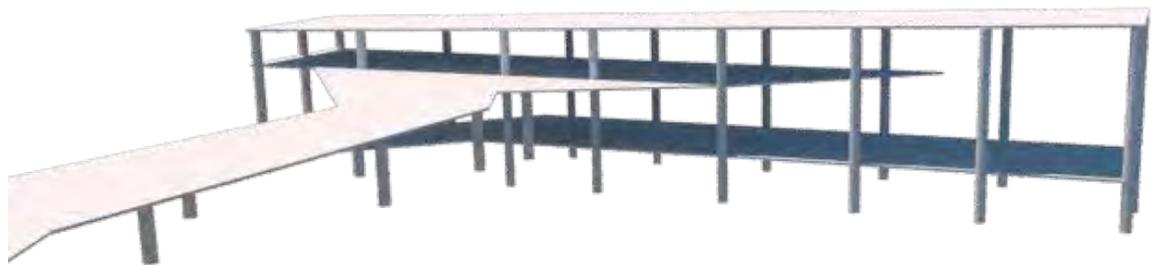
Estrutura

Pilares e paredes estruturais compõe a estrutura do edifício, com lajes e a marquise de 50cm de espessura.

A malha estrutural em dispor os pilares periféricamente, de 10 em 10 metros, sem interferir na circulação assim como na marquise. Com diâmetro de 12 cm.



f. 37



f. 38

Materialidade

O concreto aparente e o vidro dão identidade ao projeto. O uso do concreto na sua forma pura demonstra peso e força, e o vidro em toda sua fachada, contrasta com sua fragilidade e transparência.

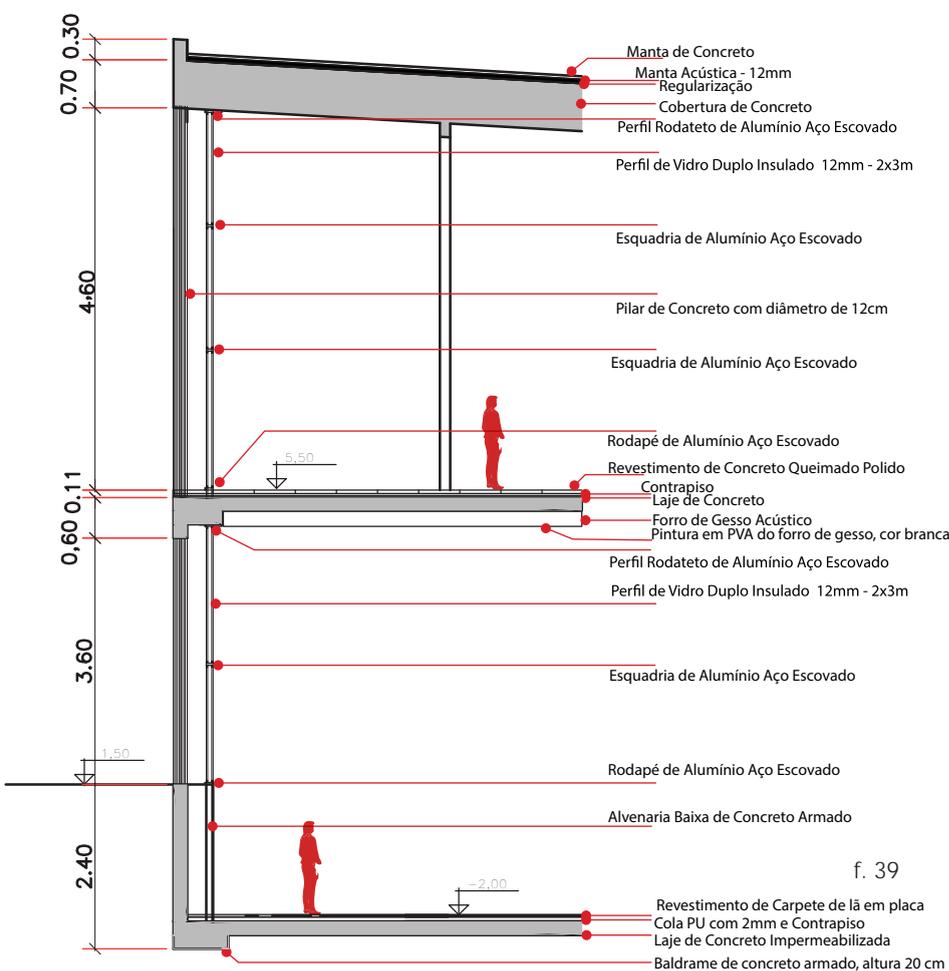
No interior o concreto prevalece no pavimento térreo, nas paredes. Na materialidade do piso, usado o concreto queimado polido para a composição.

A fachada extensa de vidro, precisa de uma preocupação melhor na escolha do

material. O vidro duplo insulado trouxe a solução para os problemas que seriam enfrentados. São duas peças de vidros coladas por um perfil de alumínio criando uma caixa de ar entre elas, duplamente vedada, reduz os ruídos e o bloqueia o calor. Portanto, o edifício recebe uma boa acústica e um conforto térmico, principalmente na área de exposição onde necessita de cuidados com as obras que serão expostas.

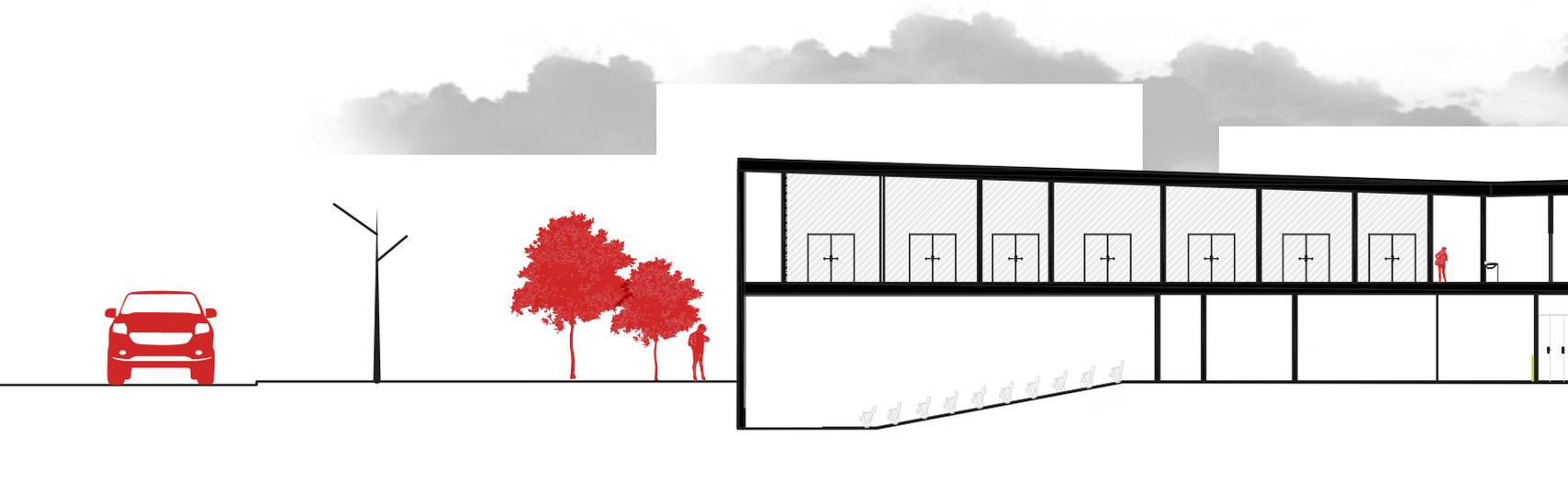
[f.37] [F.38] Maquete estrutural esquemática.

[f.38] Corte de pele, no auditório.

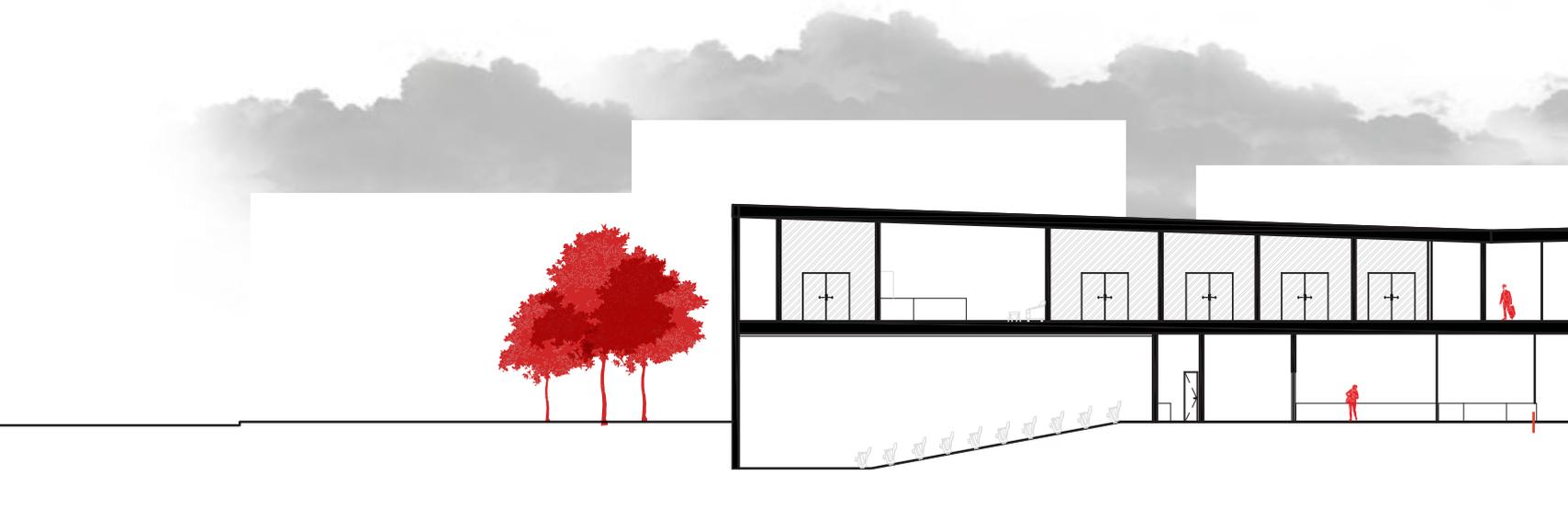


f. 39

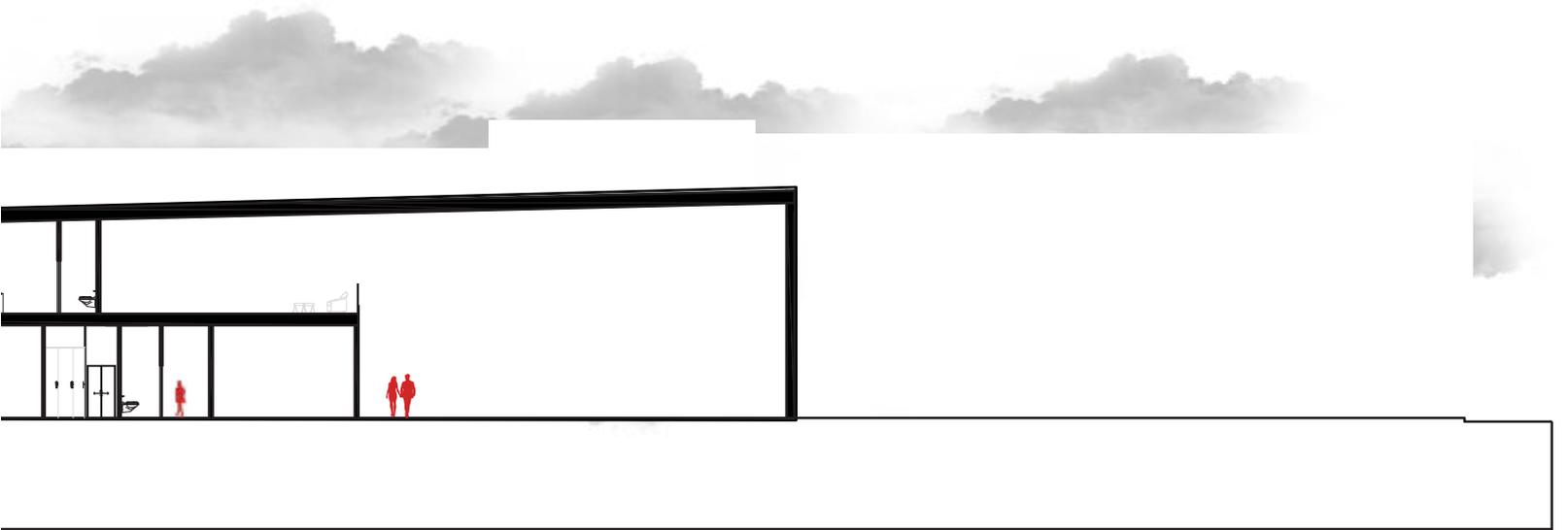




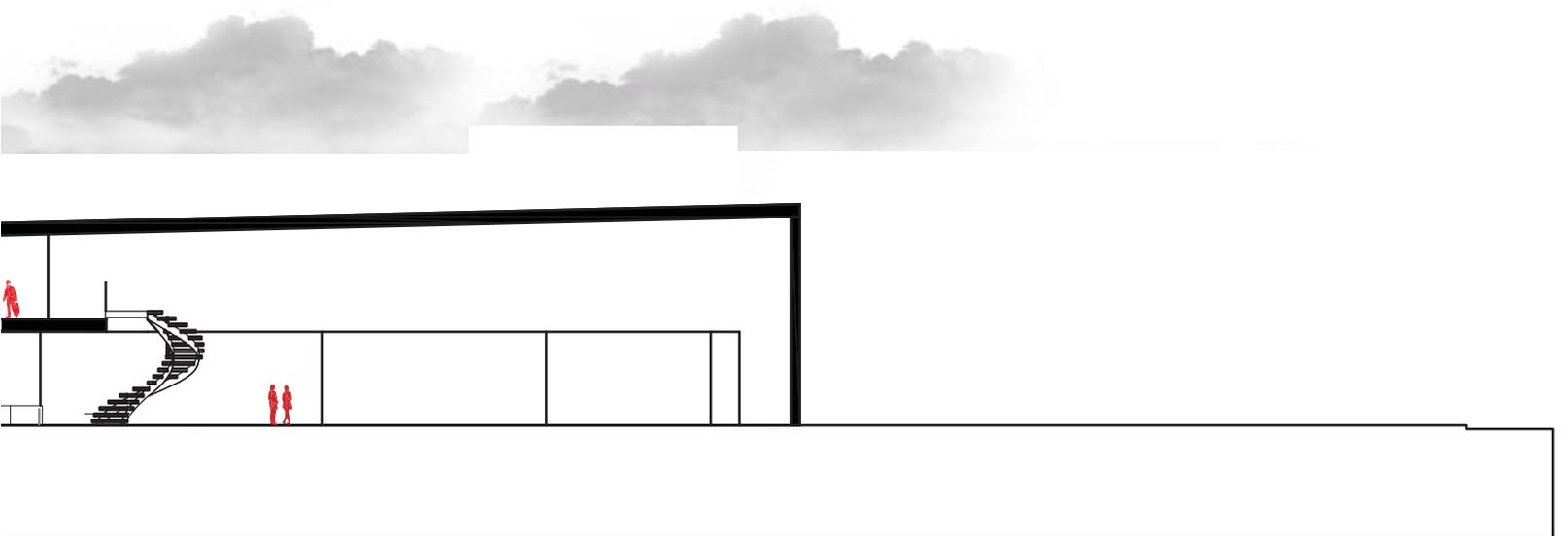
Corte A



Corte B



0 5 10 20m



0 5 10 20m



Corte C







Referências

ALCANTARA, JANIO DE SOUZA; LUCENA, CARLOS ALBERTO. O PROCESSO HISTÓRICO DA INDUSTRIALIZAÇÃO BRASILEIRA E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: AS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS E A FORMAÇÃO DO TRABALHADOR. Universidade Federal de Uberlândia, 2018.

BIONDI, LUIGI. A greve geral de 1917 em São Paulo e a imigração italiana: novas perspectivas. 2012.

CAMPANA, PRISCILA. O impacto do neoliberalismo no Direito do Trabalho: desregulamentação e retrocesso histórico. Mestre, Faculdade Santa Cruz, 2000.

CUNHA, WÂNIA CHAGAS FARIA; DOS SANTOS, KESIA RODRIGUES. O Daia, a economia e o espaço urbano de Anápolis (GO). 2017.

DOS SANTOS, FRANK FERREIRA. Reforma Sindical no Governo Lula: restou algo do consenso?. 2008.

FERREIRA, Haydée J. Anápolis, sua vida, seu povo. 2. ed. Goiânia: Kelps, 2011.

LARA, SILVIA HUNOLD. Escravidão, Cidadania e História do Trabalho no Brasil. 1998.

MACHADO, HAMILTON. Imagens do Comércio Anapolino No Jornal "O Anápolis" (1930-1960): A construção da manchester Goiânia. 2009. 186f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2009.

MASCARENHAS, Fernando. Tempo de trabalho e tempo livre. Belo Horizonte. v.3, 2000.

MENDONÇA, FERNANDA A (1), OLIVEIRA, ADRIANA MARA VAZ DE (2). Paisagem e patrimônio: A estação ferroviária de Anápolis. 2014. 20f. Dissertação (Mestrado Projeto e cidade) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

POLONIAL, Jucelino M. Ensaio Sobre a História de Anápolis. Anápolis: AEE, 2000.

POLONIAL, Jucelino M. Anápolis nos tempos da ferrovia. Anápolis: AEE, 2011.

VILLAÇA, Flávio. Espaço intraurbano no Brasil. São Paulo: Editora Livros Studio Nobel Ltda, 2001.

VARGAS, Heliana; HOWARD, Ana Luisa. Intervenções em Centros Urbanos: Objetivos, estratégias e resultados. 2. ed. São Paulo: Manole Ltda, 2009.